
Os possíveis diversos olhares sobre a mineração através da série fotográfica “O outro lado da montanha”, de José Luiz Pederneiras¹

Laís Stefani Gomes dos Santos FERREIRA²
Universidade Federal do Espírito Santo, Vitória, ES

RESUMO

Este trabalho tem como objeto de pesquisa uma das imagens que compõe a série fotográfica de José Luiz Pederneiras. Ele emerge da minha pesquisa de dissertação ‘Da montanha ao mar: percurso imagético- interpretativo pelas ruínas da mineração a partir do ensaio fotográfico “o outro lado da montanha”’. Dessa forma, pretendo realizar um estudo imagético-interpretativo com objetivo de evidenciar a possível polissemia empregada na imagem e a partir disso refletir criticamente sobre o ideal de progresso fomentado pela mineração. Para tal utilizarei o conceito de fotodocumentário imaginário, paisagem, progresso e ruína como norteadores desse trabalho.

PALAVRAS-CHAVE: fotografia; paisagem; mineração; José Luiz Pederneiras; ruína.

1. INTRODUÇÃO

A pesquisa que será apresentada é uma derivação da minha pesquisa de dissertação intitulada “Da Montanha ao Mar: percurso imagético- Interpretativo pelas ruínas da Mineração a partir do ensaio fotográfico “O Outro Lado Da Montanha”, apresentado no Programa de Pós-Graduação em Ciências Sociais, da Universidade Federal do Espírito Santo, no final de 2023.

Após o desastre-crime na cidade de Mariana, Minas Gerais, eu que já habitava a localidade há um ano, passei a observar ainda mais as transformações das paisagens que me cercava, principalmente, através da fotografia. Assim, em 2019, conheci o trabalho de José Luiz Pederneiras através da exposição “O outro lado da montanha”, no Museu Casa dos Contos, na Cidade de Ouro Preto. As 25 imagens que compunham a exposição foram divididas por mim em suas categorias “montanha” e “mar”. As fotografias

¹ Trabalho apresentado no GP19 Fotografia, XIX Encontro dos Grupos de Pesquisas em Comunicação, evento componente do 47º Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação.

² Mestre em Ciências Sociais pelo Programa de Pós-graduação em Ciências Sociais da Universidade Federal do Espírito Santo (UFES) e jornalista pela Universidade Federal de Ouro Preto (UFOP), email: lais.sgs.ferreira@gmail.com.

representando as montanhas, indicavam a intervenção da mineração naquela paisagem e para além dessa modificação, a construção imagética realizada pelo fotógrafo, apresentava a dicotomia entre o belo e o bárbaro. Já as imagens relativas ao mar traziam como elementos a presença humana, navios ao longe e o próprio mar.

Neste trabalho, assim como na dissertação, pretendo realizar uma análise imagética-interpretativa de uma das imagens que compõe na série fotográfica de José Luiz Pederneiras, que não entrou para a narrativa da dissertação. A imagem (Figura 1) escolhida representa a montanha e como se dá essa presença da mineração nessa paisagem tão habitual no Estado de Minas Gerais. O objetivo será destrinchá-la a fim de evidenciar, caso haja, novos possíveis sentidos através do conceito de fotodocumentário imaginário, progresso e também de paisagem adotado por Jean Marc-Besse.

2. REFERENCIAL TEÓRICO

2.1.PAISAGEM

De acordo com Jean Marc-Besse (2014), a paisagem é um espaço construído pelos seres humanos, a partir de suas construções sociais. Ela fala dos homens e como eles se inserem nos determinados nesses determinados espaços. A interpretação da paisagem é subjetiva e polissêmica, justamente pelas diversas construções sociais empregadas.

Toda paisagem é cultural, e não essencialmente por ser vista por uma cultura, mas essencialmente por ter sido produzida dentro de um conjunto de práticas (econômicas, políticas, sociais), e segundo valores que, de certa forma, ela simboliza” (BESSE, 2014, p. 30).

2.2.PROGRESSO E RUÍNA

Reúno esses dois conceitos em um único tópico, por compreender neste trabalho que o primeiro nos leva ao outro. O ideal de progresso proposto pela mineração, é para Walter Benjamin (1987) como um futuro sempre melhor do que o é o presente, e por isso, traz a história vista de forma linear. O autor afirma que a história deve ser entendida como cheia de “agoras” e que quando não se olha para o que ficou não se reflete sobre os

acontecimentos do passado, e não é possível observar as ruínas que constituídas, a partir do ideal do progresso.

Para Elaine Abreu de Oliveira (2012, p.1) “Falar de algo arruinado é falar de algo fracassado, malogrado, sem vida”. A partir dessa definição, é possível compreendê-la, sob o que é deixado pelo progresso de Benjamim. As montanhas modificadas pela mineração são as ruínas deixas pelo ideal de progresso capitalista que é vendido.

Oliveira (2009) também destaca que as ruínas são como as imagens. Ambas atestam que são vestígios do original. “Ruínas são incompletas; as fotografias também são” (Ibidem, p.71).

2.3.FOTODOCUMENTÁRIO IMAGINÁRIO

Esse conceito fotográfico estabelece uma relação do que sempre existiu na fotografia, que é o olhar do fotógrafo interferindo na construção da imagem, mas que em seu surgimento, ganhou ares de imparcialidade e por vezes como se o mesmo estivesse documentando o real.

“Fotodocumentário” busca caracterizar o estilo fotográfico e “imaginário” que diz da subjetividade empregada pelo fotógrafo ao compor aquela fotografia. (LOMBARDI, 2007). É também aqui, que assume o caráter criativo, podendo modificar a imagem esteticamente, buscando polissemias nas imagens. De acordo com a autora

O resultado são imagens susceptíveis a todo tipo de experimentação estética e que, conseqüentemente, provocam maiores possibilidades de interpretação por parte dos receptores.” (LOMBARDI, 2007, p. 85)

Dessa forma, assim como na dissertação trabalhada por mim, podemos observar as nuances desses quatro conceitos empregados na imagem abaixo de José Luiz Pederneiras. A utilização de elementos estéticos e a valorização dela, indica-nos que as ruínas oriundas na mineração são elementos a serem desvelados na fotografia do artista. É necessário um olhar atento e muitas vezes é também preciso se distanciar do que se

tem como habitual da paisagem cotidiana para encontrar na fotografia a barbárie produzida por esse sistema de extração.

3. ARRUINAMENTO DO OLHAR

Figura 1. Fotografia que compõe a série "O outro lado da montanha".



Fonte: PEDERNEIRAS (2019)

A imagem acima (Figura 1) é uma das que compõe a série fotográfica “O outro lado da montanha” e é sobre ela que tratarei neste trabalho. Lombardi (2007) reflete sobre como as imagens estão suscetíveis a diversas criações estéticas, e como isso, abre para várias interpretações, de acordo com o ponto de vista do espectador e principalmente de suas vivências. Por isso, é importante também entender o que as imagens verdadeiramente querem nos dizer, como questiona J. T. Mitchell (2015). É preciso observar com atenção do que fotografia de Pederneiras busca nos dizer.

Dessa forma, é possível observar na imagem que ela é composta por duas metades: céu e montanha. A parte rochosa que a compõe evidencia a modificação da mineração naquele espaço, pois não há mais características do relevo original. Os taludes estão

presentes em toda sua composição, são pontos de atenção do espectador, e pela construção da fotografia, roubam a atenção, muitas vezes tirando o foco do que é a barbárie da mineração.

Assim, o espectador se prende em subir os grandes degraus, alguns deles cobertos por algo que parece ser um tecido, os mantos, e direciona o olhar ao ponto de fuga no canto superior da imagem.

O manto em tom esverdeado sobressai ainda mais devido ao contraste com o restante amarronzado e com o céu azul que apenas paira uma nuvem sobre o topo da montanha. Algo que pode passar despercebido por um espectador mais desatento é a função dos mantos para a mineração. Eles auxiliam a segurar a terra que pode descer. Assim, percebe-se que o que parece sólido e compactado, pode ruir a qualquer momento. E esse desmoronamento, torna-se quase impossível se de crer, quando se olha a parte inferior da imagem, onde o fotógrafo criou, a parte do recorte escolhido, uma base larga, aparentemente, compactada e sólida. E mais uma vez, é preciso do olhar atento, pois, o que entendemos como a base da montanha, a partir desse recorte, tem sulcos na terra, como que ranhuras e uma parte de si, a terra se desprende, como se que fosse deslizar, escorrer abaixo.

Além disso, a construção imagética, faz o espectador olhar a todo momento de baixo para cima, como se fosse necessário subir por esses gigantes degraus para se deparar com o topo. Assim é o ideal de progresso proposto pela mineração. É preciso seguir avançando, pois o ganho está no futuro. E assim, o “Angelus Novus” (BENJAMIN, 1987) não consegue visualizar que a base que segura todo esse ideal pode a qualquer momento ruir e com isso, destruir toda a ordem proposta com a nova remodelação da paisagem.

Por fim, destaco dois pontos importantes na construção dessa imagem. O primeiro deles é como Pederneiras prende o espectador com a estética empregada na imagem, o instigando a observar a barbárie, que é evidenciada pela beleza da imagem. E destaco também, como a ausência da figura humana, não a tira de cena. É possível observar a

interferência humana a partir dos elementos que compõe a nova paisagem (BESSE, 2014).

E apesar de toda as mudanças causadas pela ação humana na paisagem, ainda assim, a natureza resiste, como é possível perceber na parte inferior da imagem, o surgimento de vegetação. “A paisagem é passiva, a paisagem é ativa” (DE FÁTIMA LAMBERT, 2016, p. 22).

4. CONSIDERAÇÕES FINAIS

É possível compreender a partir da imagem destacada de José Luiz Pederneiras que por detrás a estética aparentemente, bela, a mineração e seu ideal tentador de progresso, deixa ruínas, quase sempre irreparáveis. É comum no Estado de Minas Gerais, principalmente na Região dos Inconfidentes observar o arruinamento de paisagens, que são naturalizados, bem como, ocasionalmente de desastres que são esquecidos ou até mesmo arrastados por questões judiciais, e que as cidades se utilizam do dinheiro proveniente desse tipo de extração. A imagem nos indica que é preciso estar atento, que não se deve tornar habitual a modificação tão cruel das paisagens, quanto se é realmente. Essa imagem, assim como as outras que compõem a obra de Pederneiras, evidencia que antes daquela ruína existia algo, e é este algo pelo qual não devemos esquecer e sim, não deixar que tantas outras paisagens se percam pelo capitalismo desenfreado.

REFERÊNCIAS

BENJAMIN, Walter. Teses sobre o conceito de história (1940). Magia e técnica, arte e política: ensaios sobre literatura e história da cultura, p. 222-232, 1987.

_____. Origem do drama barroco alemão. São Paulo: Brasiliense. 1984.

BESSE, Jean-Marc et al. O gosto do mundo: exercícios de paisagem. Rio de Janeiro: eduerj, v. 234, 2014.

DE FÁTIMA LAMBERT, Maria. “E tudo o resto é paisagem...”:[... contributos para um estudo em modo pretérito imperfeito do subjuntivo]. Revista Visuais, v. 2, n. 3, p. 1-40, 2016.

LOMBARDI, Kátia Hallak. Documentário imaginário: novas potencialidades na fotografia documental contemporânea. 2007.

MITCHELL, William John Thomas. O que as imagens realmente querem. Pensar a imagem. Belo Horizonte: Autêntica, p. 165-189, 2015.

OLIVEIRA, Elane Abreu de. Ruínas em imagens: Walter Benjamin e as fotografias contemporâneas. In: Congresso de Ciências da Comunicação na Região Nordeste. 2010.

_____. A fotografia como ruína. 2009. Dissertação de Mestrado. Universidade Federal de Pernambuco.

PEDERNEIRAS, José Luiz. O outro lado da montanha. Belo Horizonte, 2019, 92p. Catálogo de exposição.